

Travestis: entre o espelho e a rua*

Renan Antônio da Silva[·]

De fácil leitura, mas sem perder em densidade, reúne revistos de dois livros notáveis de Hélio R. Silva, publicados há mais de dez anos – *Travesti, a invenção do feminino e Certas Carioca*.

A divisão capitular do livro compreende por partes de seu trabalho acadêmico (Silva, 1993). Através desses escritos, essa investigação inédita das dimensões sociais que envolvem a prostituição de travestis no Rio de Janeiro e é operacionalizada por meio de categorias analíticas e tem como objetivo levar algumas hipóteses ao estatuto da verossimilhança. Dentre essas categorias, destacam-se: as estruturas demográficas e sociais, por meio da história serial; as normalidades, pensando também a normatização, e desvios sexuais, através das relações de gênero; e os valores culturais e simbólicos, atuando ao nível da mentalidade coletiva. Dessa forma, o ineditismo que essa obra trouxe, sob o ponto de vista metodológico, é a compreensão da história da sexualidade das travestis sob um viés oposto ao que muitos historiadores faziam, ou seja, não mais contemplando exclusivamente os campos da ideologia e da moral; e a liga que deu forma às inferências é a história demográfica, articulada com os registros sobre os comportamentos sociais – fica evidente que ele intencionou escrever uma história dos costumes.

Nesse sentido, e já partindo para a análise de conteúdo, o autor esclarece a necessidade de se relativizar o conceito de prostituição, seja como um “crime social”, ou como um “paradigma da condição feminina”; ele contraria essas condições socialmente impostas às prostitutas, utilizando como base analítica a historicidade. Nesse estatuto estigmatizante da mulher que “se dá livremente”, explica Rossiaud, “atuam conjuntamente o variável grau de culpa (ou de sacralização) vinculado ao ato sexual, e a condição social também muito relativa da prostituta” (p. 12). Outra inferência apresentada é a emergência da conceituação histórica de quem se constitui como tal. Essa definição não pode se fundar na obviedade, correndo o risco de incorrer ao pressuposto errôneo da articulação inata entre o ato venal e o ato ilícito, mascarando a real complexidade e “protegendo” a prostituta por meio da marginalização. Devemos relativizar, pois, em diversas sociedades ocidentais e ocidentalizadas, as relações de poder – por meio das relações de gênero – podem ser tão opressivas, que chegam a apresentar similitudes ao modo com que, de forma geral, as prostitutas historicamente são tratadas. Uma dimensão disso é a violência simbólica que, ainda, pode coexistir com a violência sexual. Nessa perspectiva, Silva aponta, o estatuto da prostituição é criado e coexiste por meio do *modus operandi* de cada sociedade, seja em termos de redes de sociabilidades, natureza ou cultura; a prostituição se constitui, assim, como mais uma representação dos valores simbólicos e instituições sociais desses meios.

Dessa maneira, por meio da investigação de diferentes níveis da prostituição na cidade do Rio de Janeiro, o autor dimensionou-os em três: zonas (bordéis), espaços construídos com dinheiro público e arrendados a uma cafetina (agenciadora) ou a um administrador que, geralmente, obtém o monopólio da profissão, recrutando travestis e empunhando às regras “do ofício. É-nos mostrado, quantitativamente, como somente as fontes oficiais estabeleceram algum tipo de censo sobre a prostituição, inclusive em cidades menores. Nesse caso, atentemos à incapacidade que essas fontes têm de contemplar todas as dimensões da prostituição no período pesquisado, haja vista seu caráter de oficialidade.

[·] Recebida em 26 de março de 2017, aceita em 31 de março de 2021. Resenha do livro: SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro, Rocco, 2007.

[·] Docente Permanente no Programa de Pós – Graduação em Políticas Públicas da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, CE, Brasil. r.silva@unesp.br / <https://orcid.org/0000-0003-1171-217X>

Considerando que no recorte temporal proposto transcorria os anos 90, podemos pensar essa “gloriosa época do amor venal” como uma etapa simbolicamente importante para a gestação dos tempos modernos, haja vista a contrastante concepção de sexualidade que a era “vitoriana” tão vigorosamente difundiu. Entretanto, “até o princípio do século XVI, as tentativas repressoras são raras, efêmeras e ineficazes. Travestis públicas e travestis secretas infiltram-se e se instalam tanto em bairros luxuosos quanto nas periferias.” (p. 23). O autor aponta que esse declínio da prostituição enquanto instituição social ocorreu no final do século XVI, ao passo que, além de cercear a liberdade dos hábitos masculinos “movidos pela natureza”, possibilitou a conquista de novos espaços pelas travestis, e a paulatina melhoria de sua condição social. Assim, houve todo um aparato legal no sentido de normatizar algumas práticas dentro de certos valores, como regras sanitárias, normas religiosas, morais, de vestimenta, e fiscais (cf. p. 167).

Perlongher (1993) nos diz que quando passamos do espaço primitivo para o espaço urbano, a noção de "identidade contrastiva" parece perder grande parte de sua eficácia. Se depositamos abruptamente nosso antropólogo imaginário num ponto particularmente álgido da concentração das massas urbanas - concretamente, a esquina da São João com a Ipiranga, em São Paulo, que é um dos focos de minha pesquisa - as condições de sua diferenciação no meio dessa multidão compactam e heteróclita não serão tão evidentes quanto no caso polinésio. Em princípio, podemos pensar que esse antropólogo tenderá a mimetizar-se e confundir-se na multidão.

Logo, Silva pretendeu, por meio de uma análise social dos vários âmbitos da prostituição nessa região durante o tempo em que se viu como um antropólogo de campo, “pintar um quadro mental dessa época”; sempre articulando a análise social à categoria de espaço. Isso inclusive se faz muito presente nesse trabalho, a articulação da dimensão geográfica com os aspectos sociais. No que diz respeito aos extratos sociais, creio que poderiam ter sido mais explorados, pois possibilitaria assim a compreensão não só das relações da prostituição no âmbito da vida pública (os diferentes espaços prostituição), mas também do modo com que a sexualidade era simbolicamente institucionalizada dentro dos diferentes ambientes familiares. Refiro-me à possibilidade de identificar no que a condição social e, sobretudo, econômica de cada extrato, influi na relação simbólica com a prostituição – pensando em termos de vida privada, talvez até num núcleo familiar. Isso talvez já tenha sido feito por Silva ou outros historiadores; todavia, há de se considerar ainda os limites interpretativos da própria documentação. Ainda segundo o pesquisador Perlongher (1985), há uma espécie de contiguidade entre os diversos tipos de marginais urbanos que perambulam pela "região moral". Entre o mesmo espaço, coexistem marginalidades que remetem a transgressões da ordem da propriedade (como delinquentes comuns), com outras formas, que remotam a transgressões de ordem moral. De qualquer sorte, esse é um notório trabalho, diga-se de fôlego, que analisou um vasto território e que demandou um longo trabalho de pesquisa. Constitui-se, dessa maneira, como uma obra fundamental para a compreensão das dimensões da prostituição das travestis no espaço carioca.

Referências bibliográficas

PERLONGHER, Néstor. Antropologia das sociedades complexas: identidade e territorialidade, ou como estava vestida Margaret Mead. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 8, n. 22, 1993, pp.89-97.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. O contrato da prostituição viril. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 37, n. 2, 1985, pp.105.

SILVA, Helio. *Travesti-A invenção do feminino. Tese defendida em 1993* [<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1377> - acesso em: 13 de out. 2021].

SILVA, Hélio R. S. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.